

ANA CARLA VIEIRA BELLON

ESCONDE ESCONDE



ILUSTRAÇÕES:
IVANA LEMOS

ABC
projetos culturais

ESCONDE ESCONDE

produção



realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Projeto aprovado pela Secretaria de Estado da Cultura – Governo do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo,
Ministério da Cultura – Governo Federal.

FICHA TÉCNICA

Autora
Ana Carla Vieira Bellon

Curadoria visual
Dyego Marçal

Ilustração
Ivana Lemos

Revisão
Luiz Fernando Cheres

Coordenação editorial
Alessandra Pirroncello Bucholdz/
ABC Projetos Culturais

Assistentes
Márcia Rodrigues
Thaís Cunningham Gomes

Editoração
ABC Projetos Culturais

Supervisão editorial
Conceito Gestão Cultural

Coordenação de produção
Elíana Cristina Perrinelli/
Dali Projetos Criativos

Audiodescrição
Jefferson Cesar de Oliveira

Coordenação gráfica
Luiz Maurício Bucholdz/
Arte Telúrica

Locução
Ana Cláudia Gambassi

Curadoria textual
Luísa Cristina dos Santos Fontes

Estúdio
Piralinda

Esta obra foi produzida para integrar o acervo da Biblioteca Gralha Azul. Os direitos autorais do texto publicado na obra pertencem à sua autora, que detém a responsabilidade sobre o seu conteúdo e criação.

B447

Bellon, Ana Carla Vieira
Esconde esconde [livro eletrônico] / Ana Carla Vieira Bellon;
ilustrado por Ivana Lemos. Ponta Grossa: ABC Projetos Culturais,
2025. Coleção Biblioteca Gralha Azul.
20p.; E-book PDF

ISBN: 978-85-66488-30-2

1. Literatura infantojuvenil. 2. Paraná. 3. Mistério. 4. Morte. 5.
Amizade. 6. Infância. I. Lemos, Ivana (ilust.). II. T. III. Coleção
Biblioteca Gralha Azul.

CDD : 028.5

avaliar o projeto:



Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos – CRB9/986

ANA CARLA VIEIRA BELLON

ESCONDE ESCONDE

ILUSTRAÇÕES:
IVANA LEMOS

1ª EDIÇÃO, 2025
PONTA GROSSA

ABC
projetos culturais

Noah encafurnou-se. Não era de se admirar, sempre foi um mestre em tapear os amigos, principalmente o melhor deles. Levi já havia escarafunhado quase o bairro todo, como dizia sua mãe. Fome. Um dia, Noah prometera: “Levi, você ainda vai desistir de me achar! Sei de um esconderijo infalível!”. Sempre pressagioso. Amigo de rua é coisa pra vida inteira, vovô vivia alertando. “Amanhã trarei lanterna e lanche.”

A noite escondedoura parecia história de fogueira que a gente vê nos filmes, mas pelas ruas do bairro a gente contava história mesmo era sentada no muro ou no meio-fio ou escorada em algum poste, de repente, quando encontrava algum conhecido.

A Mãe, e seu pé semicolcheado ao portão, parecia o professor de música ensinando sobre o tempo. “Brincadeira sem graça, moleque.” E um cheiro de frango semicru, naquele dia tinha canja. Há dias que um assombro vivia embiocado no rosto da mãe de Levi. Durante aquela semana, era um tal de “vou brincar com Noah” pra lá e parecia que anoitecia em seus olhos.



— Vai já pro banheiro, moleque!

Levi não discutia com sua mãe. O que podia perguntava ao vovô, mas até ele andava nevoento. Carrancudo. Estava vindo chuva. Levi sempre quis morar em uma casa com escadas até que vovô lhe mostrou *A mão que balança o berço*. Agora, dormia no andar de baixo, ao lado do quarto do vovô, só pra garantir. A casa antiga era maior porque tinha o pai. Isso foi antes de ele se enveredar para o “não sei onde”, como sua mãe chiava.

Banho pra ele era bom, já o Noah se queixava. Dia e hora para apanhar no banheiro. O estrondo na porta do final da rua parecia um acidente, seguido do seu choro sentido e alto. Assim, de revirar as vísceras da gente. Na rua, toda a turma tinha medo de brincar com ele, só Levi que não, tinha medo da culpa. Ninguém sabia lhe explicar porque se bate, ele achava que era uma destas coisas que se herda.

— Mãe, empresta uma lanterna?

E o cheirinho da sopa quente sobre o prato na mesa.

— *Qué* o que, menino, com isso?

— Ah, quero encontrar o Noah.

O vento da janela assoprou o vapor do prato. Ela andava de compasso quebrado, igual ao contratempo que Levi tinha aprendido na semana passada. Foi em direção à gaveta da cozinha, depois fechou a janela para esconder o vento.

— *Tá* sem pilha, vê com seu avô. Olha, filho...

— Quê?

— É... come! — esqueceu o que ia dizer.

Vovô sempre jantava cedo e ficava recolhido. Ele parecia mais vasto que a gente da casa, Levi achava que era por isso que não cabia muito nas regras da sua mãe.

— Vovô, o senhor *tá* acordado?



Ouviu sua voz abafadinha dizendo pra entrar. Perguntou das pilhas enquanto via de revesgueio a sua leitura atual, eram “intermitências” de alguma coisa... em cima do livro havia um terço. Vovô tinha dado para se interessar por ideias difíceis, pensava Levi.

— Como é isso das in-ter-mi-tências, vô?

Anoitecido, guardou o livro na gaveta:

— Olha, Levi, essas pilhas devem dar. Vem aqui que o vô vai te ensinar a pôr. Tá com medo do escuro, é?

— Vou procurar Noah!

Os trovões berraram lá fora. Sem muitas palavras, ele foi levando o moleque até à porta do quarto, deu boa noite e acrescentou:

— Olha, guri, intermitência é... A terra...



E se enfurnou. “O Noah é um excelente escondedor, talvez esteja debaixo do meu nariz e eu não o encontro.” Bem no fundo, achava que já deveria entregar a vitória a ele. Mas não entrava num jogo se não fosse para ganhar, e Noah já tinha ganhado no campeonato de futebol mês passado. Sono.

De manhã, uma garoa fina caía lá fora. Depois do almoço Levi pensava em se embrenhar por aí, daquele dia não passaria. Antes, foi até à casa do Noah pra dar mais uma vasculhada, poderia pegá-lo antes de sair, e aí o problema seria dele porque já estaria valendo. Eles não combinaram um horário fixo para o começo da brincadeira.

O chuvisco tem um não sei quê de tristeza. Gelado e persistente. Embarreia a gente, resfria a gente, empreguiça tudo. A mãe de Noah conhecia a de Levi desde que

se mudaram para o bairro, havia tempo já. De longe a gente sempre a avistava no varal, carrancuda como o tempo que fazia naquele dia. Sempre limpando a casa, era a mais limpa de todas, com certeza. Mas naquele dia Levi não a viu, pensou que fosse em razão do chuvisco.

— Noaaaaaaah! Noah! Noooooooooah!

A chuva engrossou. Até que alguém saiu no portão todo molhado, com o rosto afogado. Era o irmão mais velho dele.

— Guri de Deus, chega! Vai embora!

Levi saiu correndo e a chuva desatou. O irmão mais velho sempre foi impaciente. Em casa, enquanto tirava as botas, ouviu a mãe falando sobre a missa do dia. Ela chorava, Levi pensou que era porque cortava uma cebola.

Olhou a chuva forte pela janela enquanto se secava, e lembrou do que vovô lhe dissera à noite. “Me saracoteia o estômago quando tento entender, parece aula de matemática. Para onde será que vai a chuva depois que cai? Vai pra algum lugar, pra dentro da terra, eu acho. Não sei se de volta ou de ida. Vai e volta. Deve ser isso.”



O vô lhe explicara que a chuva ajuda a terra a fazer as plantas crescerem. A terra é mesmo um ótimo esconderijo. Um dia, ele viu o vô escondendo umas cascas de cebola na terra, passados uns dias foi checar e elas haviam sumido. Depois disso, passou a reparar que a mãe chorava sempre que estava com uma cebola por perto. Nunca entendeu muito bem aquilo, era estranho sentir falta de uma cebola, mas no esconderijo das cascas já tinha um brotinho.

— Guri, vem aqui!

Levi, ainda ensopado, diante deles. A mãe e o vô estavam com aquela cara anoitecida, refletindo a tempestade nos olhos. Mamãe com meia cebola nas mãos.

— Vai ter que interromper a brincadeira com teu amigo, Levi. Ele se embrenhou na intermitência da vida... — o vô gesticulava com as mãos enquanto olhava para cima como quem buscava algo com os olhos dentro de sua cabeça.

O menino prestava tanta atenção que até esqueceu de respirar. Parecia que estavam querendo lhe explicar alguma coisa que também não sabiam.

— Eu tenho lanterna, vou achar Noah até no escuro — disse, tentando agarrar a lanterna que voou de sua mão.

Até que o vô disse algo:

— Filho, Noah se escondeu...

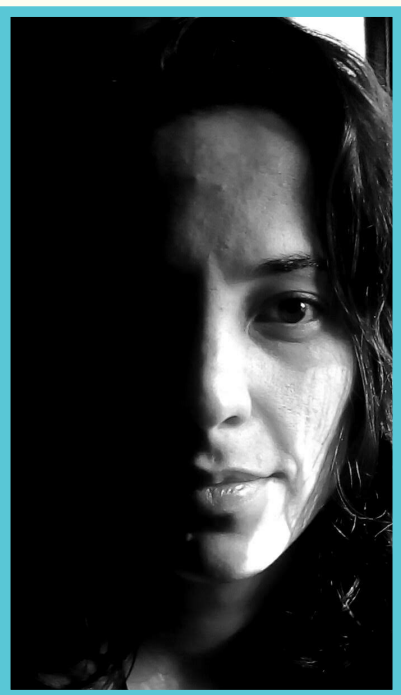
— Eu sei, vô.

— Mas em seu lugar secreto, filho... — colocou a mão no seu ombro, se agachou e o olhou nos olhos —, ele foi enterrado!

A cebola das mãos de sua mãe trouxe a chuva para os seus olhos. Não tinha um esconderijo melhor. Ele nunca encontraria Noah, não na mesma forma, mas naquele instante soube que a amizade lhe deixaria brotos perenes.



SOBRE A AUTORA



Eu, **Ana Carla Vieira Bellon**, nasci em Curitiba, mas fui criança de interior. Tenho na escrita meu sustento e meu delírio. A escrita (de si e de nós) é meu corpo sem órgãos, é parte indissociável de mim. Sou graduada em Letras pela UEPG, mestre pela UFPR e doutora pela UERJ. Atuo principalmente como autora de materiais didáticos, às vezes sou editora e revisora de textos, além de professora na Educação a Distância (EaD). Descanso da escrita técnica com a escrita literária e também gosto de batucar. Costumo mudar de cidade de tempos em tempos, às vezes me perco, mas não é difícil me encontrar, moro atualmente em Guaratuba (PR).

SOBRE A ILUSTRADORA



Sou a **Ivana Lemos**. O desenho para mim é diversão, e acredito que todos deveriam experimentar. Sou formada em Artes Plásticas pela UFPR e sempre amei desenhar. Fiz um monte de coisas nessa vida e tive muitas experiências em concursos, exposições, escolas, oficinas, espetáculos, livros e jardins. Adoro as técnicas artísticas artesanais, como a aquarela e a colagem. Os livros e o desenho sempre foram os meus grandes amigos e os levo para sempre no meu coração. E uma última coisa: acredito no poder da arte para transformar o que está ao nosso redor.

A BIBLIOTECA GRALHA AZUL

A **Biblioteca Gralha Azul** é uma ação do Coletivo que recebe o mesmo nome, criado em 2021 por editores e autores com a missão de fomentar a produção literária e dar visibilidade a escritores paranaenses. Ela conta com três pilares estruturantes: o livro, a leitura e a democratização de acesso.

Através de editais abertos periodicamente, escritores de todo Paraná são convidados a submeterem seus textos, que podem tornarem-se livros infantojuvenis inéditos e ilustrados, produzidos sem custo para o autor. Assim, a Biblioteca revela e promove novos escritores.

A plataforma da Biblioteca Gralha Azul é o ponto de encontro de autores, ilustradores, editores e leitores. O acesso às obras no formato e-book é inteiramente gratuito. Elas podem ser baixadas e ouvidas no celular ou computador, atravessando fronteiras e fortalecendo as asas da leitura.

www.bibliotecagralhaazul.com.br

A EDITORIA

A **ABC Projetos Culturais** é uma editora paranaense independente, fundada em 2007, no município de Ponta Grossa, pela escritora e jornalista Alessandra Bucholdz. Ao longo de 18 anos, lançou quase uma centena de livros e revelou diversos escritores paranaenses. A preocupação com a acessibilidade norteia as produções da editora que disponibiliza a maioria de suas obras também no formato de audiolivro. As obras mais recentes também têm audiodescrição.

Além da produção editorial, a ABC Projetos busca outras linguagens, formas de interação e interfaces do público com as obras. Desse modo, novas experiências surgem, tornando o acesso à literatura ainda mais completo, mágico e imersivo, promovendo memórias afetivas que unem obras e leitores. A ABC Projetos acredita na leitura como pilar e caminho que inspira e abre janelas para diferentes universos.

Acompanhe os trabalhos da editora pelas redes sociais:

@abcprojetosculturais

ESCONDE
ESCONDE



Rua Sebastião Marcondes Ferreira, 22 – Oficinas
Ponta Grossa/Paraná – CEP 84.035-610
e-mail: adm@abcprojetos.com.br
WhatsApp: (42) 99839-4207
[@abcprojetosculturais](#)

ESCONDE ESCONDE

Todos temos um lugar
secreto e misterioso, nosso
refúgio final. É o destino de
toda vida retornar à terra,
mas ela é adubada pela
memória, broto de luz que
nos mantém vivos através de
quem nos ama.

ISBN 978-85-66488-30-2



produção

realização



LEI
PAULO
GUSTAVO
PARANÁ



cultura
paraná



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Projeto aprovado pela Secretaria de Estado da Cultura – Governo do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo,
Ministério da Cultura – Governo Federal.